

Marcial entre o público e os críticos ou a difícil escolha entre agradar aos convivas ou aos cozinheiros.

João Manuel Nunes Torrão
Universidade de Aveiro

Marcial defende, ao longo da sua obra, que deve ser incluído, ou melhor, que já está incluído entre os poetas famosos porque a sua obra é muito procurada e o seu nome é conhecido em todo o mundo. Por estranho que isso possa parecer, esta indicação aparece logo a abrir o livro primeiro, exactamente no primeiro epigrama:

1.1

*Hic est quem legis ille, quem requiris,
toto notus in orbe Martialis
argutis epigrammaton libellis:
cui, lector studiose, quod dedisti
uiuenti decus atque sentienti,
rari post cineres habent poetae.*

5

Note-se, no entanto, que esta indicação vai sendo fornecida em diferentes ocasiões e de modos variados de tal maneira que poderemos facilmente concluir que o poeta se tinha em boa conta, embora não possamos deixar de aduzir outras razões para esta insistência no tópico da fama que ele próprio se atribui estando vivo.

De facto, não é segredo para ninguém que Marcial, ao longo da sua vida, tenta cativar alguém que lhe sirva de mecenas (e, se fosse famoso, essa tarefa seria muito mais fácil) e tenta, sobretudo, aproximar-se dos seus leitores de uma forma a que poderíamos chamar, mais do que a tradicional *captatio benevolentiae*, uma autêntica operação de *marketing* tais os contornos que vai assumindo. Na realidade, o poeta não se limita a insinuar-se junto do leitor, antes vai fazendo uma autêntica publicidade à sua obra sem se esquecer sequer de elogiar o seu formato extremamente propício ao transporte em viagem e de indicar o nome do vendedor bem como o local de venda:

1.2

*Qui tecum cupis esse meos ubicumque libellos
et comites longae quaeris habere uiae,*

hos eme, quos artat breuibus membrana tabellis:

scrinia da magnis, me manus una capit.

Ne tamen ignores ubi sim uenalis et erres

5

urbe uagus tota, me duce certus eris:

libertum docti Lucencis quaere Secundum

limina post Pacis Palladiumque forum.

E se, neste caso, as indicações se limitam ao vendedor e ao local de venda, em outra ocasião, o poeta tem o cuidado de fornecer mais pistas e acaba por dizer que os seus livros estão colocados em lugar de destaque na loja e chega mesmo a dizer o preço por que são vendidos¹:

1.117

Occuris quotiens, Luperce, nobis,

"Vis mittam puerum" subinde dicis,

"cui tradas epigrammaton libellum,

lectum quem tibi protinus remittam?"

Non est quod puerum, Luperce, uexes.

5

Longum est, si uelit ad Pirum uenire,

et scalis habito tribus, sed altis.

Quod quaeris propius petas licebit.

Argi nempe soles subire Letum:

contra Caesaris est forum taberna

10

scriptis postibus hinc et inde totis,

omnis ut cito perlegas poetas:

illinc me pete. Nec roges Atrectum —

hoc nomen dominus gerit tabernae —;

de primo dabit alteroue nido

15

rasum pumice purpuraque cultum

denaris tibi quinque Martialem.

"Tanti non est" ais? Sapis, Luperce.

¹ Repare-se que Marcial, num único livro — e logo por sinal uns dos primeiros —, acaba por indicar dois livreiros diferentes a venderem a sua obra.

Esta operação de *marketing* em que o próprio autor se encontra envolvido tem subjacente a ideia de que Marcial precisa dos seus leitores.

Não é, pois, por acaso, que o poeta, no livro décimo, os vais considerar a sua grande riqueza e o maior bem que Roma lhe deu de tal modo que é através deles que a sua fama passará o rio do esquecimento:

10. 2

*Festinata prior, decimi mihi cura libelli
elapsum manibus nunc reuocauit opus.
Nota leges quaedam, sed lima rasa recenti
pars noua maior erit: lector, utrique faue,
lector, opes nostrae; quem cum mihi Roma dedisset, 5
“Nil tibi quod demus maius habemus” ait;
“pigra per hunc fugies ingratae flumina Lethes
et meliore tui parte superstes eris”.*

E, já na parte final da sua vida, vai corroborar esta ideia ao dizer que foi o seu auditório (neste caso concreto o da capital do Império por oposição ao de BÍlbilis) que lhe inspirou o que de melhor possuem os seus livrinhos:

Liber XII — Epistola

*3. In qua hoc maximum et primum est, quod ciuitatis aures quibus
adsueueram quaero, et uideor mihi in alieno foro litigare; si quid est enim
quod in libellis meis placeat, dictauit auditor: illam iudiciorum
subtilitatem, illud materiarum ingenium, bibliothecas, theatra, conuictus,
in quibus studere se uoluptates non sentiunt, ad summam omnium illa
quae delicati reliquimus desideramus quasi destituti.*

Esta relação privilegiada com o leitor aparece ainda contextualizada pela recusa em aceitar os juízos críticos tradicionais que, na maior parte dos casos, remetiam para depois da morte a fama literária:

8.69

*Miraris ueteres, Vacerra, solos
nec laudas nisi mortuos poetas.*

*Ignoscas petimus, Vacerra: tanti
Non est, ut placeam tibi, perire.*

*Só admiras os antigos, ó Vacerra, e não elogias senão os poetas mortos.
Deculpa lá, ó Vacerra, mas, para te agradar, não vale a pena morrer.*

Há, de facto, uma clara opção de Marcial pelos leitores que acaba por ser expressa através da utilização de uma linguagem gastronómica:

9.81

*Lector et auditor nostros probat, Aule, libellos,
sed quidam exactos esse poeta negat.
Non nimium curo: nam cenae fercula nostrae
malim conuiuis quam placuisse cocis.*

O leitor e o ouvinte aprovam os nossos livrinhos, ó Aulo, mas um certo poeta diz que eles não são perfeitos. Não me preocupo em demasia: de facto, antes quero que os pratos do meu jantar agradem aos convivas do que aos cozinheiros.

Como é óbvio, esta preocupação em agradar aos convivas arrasta consigo alguns riscos de que o próprio Marcial se deu conta. Assim, nem sempre o paladar dos convivas coincide com o do dono da casa e acontece até que alguns manjares mais requintados acabam por não ser apreciados já que, muitas vezes, os convivas preferem saciar a sua fome com algo tão simples como o pão:

10.59

*Consumpta est uno si lemnate pagina, transis,
et breuiora tibi, non meliora placent.
Diues et ex omni posita est instructa macello
cena tibi, sed te mattea sola iuuat.
Non opus est nobis nimium lectore guloso;
hunc uolo, non fiat qui sine pane satur.*

5

Embora, nessa ocasião, não tenha utilizado uma linguagem gastronómica, já a abrir o livro décimo, o poeta tinha deixado ao seu leitor a opção de escolher os epigramas que muito bem entendesse, nomeadamente aqueles que fossem mais curtos:

10.1

*Si nimius uideor seraque coronide longus
esse liber, legito pauca: libellus ero.
Terque quaterque mihi finitur carmine paruo
pagina: fac tibi me quam cupis ipse breuem.*

Esta liberdade concedida ao leitor para não ler alguns textos vem, aliás, desde a epístola introdutória ao livro primeiro, ainda que neste caso o âmbito seja bastante diferente. De facto, já neste texto em prosa, o poeta, quando apresenta as razões que o levaram a utilizar uma *lasciuam uerborum ueritatem, id est, epigrammaton linguam*, acrescenta que quem não concordar com esta opção poderá sempre contentar-se em ler a epístola dedicatória ou, se isto ainda lhe parecer demasiado, apenas o título:

Liber I - Epistola

*5. Si quis tamen tam ambitiose tristis est ut apud illum in nulla pagina
Latine loqui fas sit, potest epistola uel potius titulo contentus esse.*

*Se alguém, porém, desejar ser tão austero que, junto dele, em nenhuma
página seja possível falar latim, pode contentar-se com esta epístola ou
então apenas com o título.*

Esta liberdade concedida ao leitor para ele próprio seleccionar os textos que prefere ler parte de uma constatação de Marcial que tem origem na vida de todos os dias mas que também se aplica à literatura, nomeadamente aos seus livros, que, por força das circunstâncias, têm de ter um número bastante elevado de epigramas: as coisas raras são mais apetecíveis do que as abundantes. Com base nesta constatação, o poeta não deixa de tirar algumas ilações que, dadas a título de conselhos, poderão trazer um futuro mais radioso aos seus livros ao nível do acolhimento que lhes é dado pelos leitores:

4.29

*Obstat, care Pudens, nostris sua turba libellis
lectoremque frequens lassat et implet opus.
Rara iuuant: primis sic maior gratia pomis,
hibernae pretium sic meruere rosae;
sic spoliatricem commendat fastus amicam*

5

ianua nec iuuenem semper aperta tenet.
Saepius in libro numeratur Persius uno
quam leuis in tota Marsus Amazonide.
Tu quoque de nostris releges quemcumque libellis,
esse puta solum: sic tibi pluris erit.

10

Sem o dizer expressamente, o poeta aconselha o seu leitor a não se deixar impressionar pelas aparências exteriores, mas antes a colher o que de melhor cada obra comporta. Se assim acontecer, o leitor não se deixará influenciar negativamente pela quantidade de poemas, antes prestará mais atenção à qualidade que lhe é apresentada e acabará por apreciar ainda melhor o que de bom lhe é oferecido.

Mas, independentemente deste estado de espírito por parte dos leitores, se Marcial pretender manter uma relação estável com eles, terá de lhes oferecer um conjunto de epigramas que estes gostem de ler, mesmo que esses mesmos epigramas passem bastante ao lado daquilo que os críticos elogiam, admiram e veneram.

4.49

Nescit, crede mihi, quid sint epigrammata, Flacce,
qui tantum lusus illa iocosque uocat.
Ille magis ludit qui scribit prandia saeui
Tereos aut cenam, crude Thyesta, tuam,
aut puero liquidas aptantem Daedalon alas,
pascentem Siculas aut Polyphemon ouis.
A nostris procul est omnis uesica libellis,
Musa nec insano syrmate nostra tumet.

5

“Illa tamen laudant omnes, mirantur, adorant”.

Confiteor: laudant illa, sed ista legunt.

10

Ora, se Marcial dá uma clara preferência aos convivas em detrimento dos cozinheiros, importa saber que tipo de comida é que ele lhes vai oferecendo ao longo do percurso de publicação dos seus livros. Para isto teremos de ter em atenção que os epigramas são composições autónomas e que, ao serem agrupadas em livros, terão sempre de apresentar alguma heterogeneidade. Assim, não admira que, logo na parte inicial do livro primeiro, nos apareça este texto:

1.16

*Sunt bona, sunt quaedam mediocria, sunt mala plura
quae legis hic: aliter non fit, Auite, liber.*

Repare-se na gradação negativa que caracteriza os vários tipos de verso: os bons aparecem sem qualquer indicação; os medianos são *quaedam* e os maus são *plura*. Se levamos estas indicações à letra, teremos de concluir que os bons epigramas são muito poucos em comparação com os outros. Ora, Marcial parece querer generalizar esta afirmação e aplicá-la a toda a sua obra já que termina o dístico com a afirmação: *aliter non fit, Auite, liber*. Como é óbvio, teremos de ler este texto como uma posição defensiva do poeta perante o seu público através da utilização de uma ideia que faz parte do senso comum já que todos sabemos ser impossível manter uma qualidade elevada ao longo de todo um livro como, aliás, já Horácio tinha afirmado dando como referência Homero²:

... quandoque bonus dormitat Homerus.

O poeta tem também de estar atento aos diversos contextos em que a sua obra é apreciada para que os mesmos versos não sejam, em circunstâncias favoráveis, considerados bons e passem a ser maus, quando essas circunstâncias se alteram para os ouvintes. É o caso de Severo que, quando tinha interesse nisso, apreciava imenso os textos de Marcial e até se prontificava a editá-los para além de quase lhos arrancar das mãos para os levar consigo para os jantares e para os teatros. Quando, porém, chega o momento da verdade em que, seguramente, seria necessário fazer algum investimento, o entusiasmo esfria, a pressa desaparece e as promessas acabam por ficar esquecidas. Em contrapartida, surge o desespero do poeta consubstanciado na repetição integral do mesmo verso a abrir e a fechar o epigrama:

2. 6

*I nunc, edere me iube libellos.
Lectis uix tibi paginis duabus
spectas eschatocollion, Seuere,
et longas trahis oscitationes.*

² HOR. *Ars.* 359.

Haec sunt, quae relegente me solebas 5
rapta exscribere, sed Vitellianis;
haec sunt, singula quae sinu ferebas
per conuiuia cuncta, per theatra;
haec sunt aut meliora si qua nescis.
Quid prodest mihi tam macer libellus, 10
nullo crassior ut sit umbilico,
si totus tibi triduo legatur?
Numquam deliciae supiniores.
Lassus tam cito deficis uiator,
et cum currere debeas Bouillas, 15
interiungere quaeris ad Camenas?
I nunc, edere me iube libellos.

Mas se, nos dois exemplos anteriores, o poeta ainda pode defender uma posição minimamente aceitável, algo de diferente vai acontecer quando os seus leitores lhe fazem acusações mais sérias. Agora, Marcial, para ter alguma hipóteses de defesa, opta por apresentar umas desculpas baratas — que são tidas à conta de piadas — e acaba por encerrar o assunto com uma afirmação indesmentível, mas que, no fundo, não passa de uma desculpa de mau pagador.

2. 8

Si qua uidebuntur chartis tibi, lector, in istis
siue obscura nimis siue latina parum,
non meus est error: nocuit librarius illis
dum properat uersus adnumerare tibi.
Quod si non illum sed me peccasse putabis, 5
tunc ego te credam cordis habere nihil.
'Ista tamen mala sunt.' Quasi nos manifesta negemus!
Haec mala sunt, sed tu non meliora facis.

Repare-se que o leitor terá apontado para dois ‘erros’ graves: o primeiro seria um texto demasiado obscuro; o segundo era ainda mais grave já que os textos estariam escritos em mau latim. Marcial, no entanto, antecipando o que muitos autores irão fazer ao longo dos tempos, diz, de forma clara, que a culpa não é sua, mas sim do editor que

causou todos aqueles problemas com a pressa de editar o livro. Como o leitor não se deixa convencer, o poeta responde-lhe que ele *cordis habere nihil* já que não tem compreensão suficiente para desculpar o que se passou e, pelo menos, fazer de conta que aceitava as desculpas apresentadas. Mas o leitor, na sua insensibilidade, volta à carga e, desta vez, sem contemplações: *Ista tamen mala sunt*.

Perante esta última acusação, o poeta só tem de se render à evidência — são mesmo maus, confessa — para depois atacar sem possibilidade de defesa ao dizer que o leitor não os faz melhores.

Mais do que uma confissão de maus versos, parece que Marcial aproveita para, de forma algo brincalhona, tratar na sua pessoa situações que se passariam — e continuam a passar — com muitos escritores. Este aproveitamento acaba por ter ainda mais efeito porque tem uma parte de realidade sem, no entanto, atingir as proporções que o poeta pretende.

Ainda dentro do livro segundo, Marcial aparece a defender-se de algumas opiniões que pretendem beliscar a qualidade dos seus poemas e, perante a acusação de que não compõe determinado tipo de versos nem se inspira em alguns poetas ou temas, começa por deixar muito claro (v. 6) que isso não implica que ele seja um mau poeta — *non sum, Classice, tam malus poeta*. Mas, não contente com esta afirmação, assume de modo claro (vv.9-10) que *'é infame fazer ninharias difíceis e o trabalho dedicado a frivolidades é uma estupidez'*. E, a terminar o epigrama, surge a defender uma posição que vem um pouco ao arrepio do que costuma fazer já que diz de forma categórica que prefere agradar a um número reduzido de ouvintes — *me raris iuuat auribus placere*:

2. 86

*Quod nec carmine glorior supino
nec retro lego Sotaden cinaedum,
nusquam Graecula quod recantat echo
nec dictat mihi luculentus Attis
mollem debilitate galliambon,
non sum, Classice, tam malus poeta.*

5

*Quid si per gracilis uias petauri
inuitum iubeas subire Ladan?
Turpe est difficiles habere nugas
et stultus labor est ineptiarum.*

10

*Scribat carmina circulis Palaemon,
me raris iuuat auribus placere.*

Apesar de assumir, no final, uma posição que parece contradizer o seu *modus operandi*, o que está aqui verdadeiramente em causa é apenas determinado tipo de poesia a que Marcial não se quer dedicar por mais audiência que ela possa ter.

Ao iniciar o livro terceiro, o poeta aproveita o pretexto de enviar este livro de fora de Roma para, de algum modo, justificar uma menor qualidade. Insiste, no entanto, num tópico que, ao longo da obra, é abordado com muita frequência: a importância do autor independentemente da maior ou menor qualidade do texto. Neste caso concreto, o autor parece preferir o livro anterior, mas talvez o faça porque, de algum, estará a transferir para o livro o grande amor que nutria pela cidade de Roma (onde foi escrito o livro segundo).

3. 1

Hoc tibi quidquid id est longinquis mittit ab oris

Gallia Romanae nomine dicta togae.

Hunc legis et laudas librum fortasse priorem:

illa uel haec mea sunt, quae meliora putas.

Plus sane placeat domina qui natus in urbe est:

5

debet enim Gallum uincere uerna liber.

Já no livro sétimo, o poeta volta a recuperar uma temática que já tinha abordado no livro primeiro: a existência de epigramas bons e maus. Neste caso, é Lauso quem aparece a criticá-lo dizendo que o livro tem trinta epigramas maus. Na resposta Marcial tira a conclusão óbvia: se todos os outros forem bons, será, concerteza, um bom livro.

7. 81

"Triginta toto mala sunt epigrammata libro."

Si totidem bona sunt, Lause, bonus liber est.

Para, de certa maneira, se justificar de alguma discrepância na qualidade dos epigramas que compõem cada um dos livros, Marcial surge a elogiar (mas não a admirar) um outro poeta que faz quadras e dísticos. É que, em sua opinião, é fácil escrever bem alguns epigramas, o difícil é escrever um livro.

7. 85

*Quod non insulse scribis tetrasticha quaedam,
disticha quod belle pauca, Sabelle, facis,
laudo nec admiror. Facile est epigrammata belle
scribere. Sed librum scribere difficile est.*

Marcial aparece claramente a dar um lugar de privilégio ao leitor. Para isso, prescinde, de forma consciente, do apoio de alguns críticos, sem, no entanto, se deixar arrastar por todas as facilidades da popularidade. Assim, embora se preocupe em agradar ao seu auditório, tem também a preocupação de não ultrapassar determinados limites e de procurar oferecer um conjunto de poemas que, dentro da variedade que um livro de epigramas obrigatoriamente comporta, se pautam, nas suas próprias palavras, por uma qualidade bem assinalável.